

DEPARTAMENTO DE LETRAS

FONTES DO LATIM VULGAR

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

**Com alguns comentários ao *Appendix Probi*
por Serafim da Silva Neto**

O estudo do latim vulgar surgiu, principalmente, em decorrência das pesquisas e divulgação de suas *fontes*, que são, grosso modo, as seguintes:

***As inscrições cristãs, em face das origens populares da religião,
proveniente de pescadores da Galiléia.***

De um modo geral, usavam-se para ornamentar túmulos em memória de antepassados, irmãos, parentes, amigos dedicados, pessoas queridas etc. *Anastásia et Laurentina, puellas Dei, quas nos precesserunt in sonum pacis.* (Anastácia e Lourença, filhas de deus, que nos precederam no sono da paz) .

As inscrições parietais ou os “graffiti” das ruínas de Pompéia

Trata-se de frases nos muros da cidade de Pompéia, destruída pela erupção do Vesúvio (79. d. C), grafadas a carvão e contendo mensagens de conteúdo variadíssimo, porém sempre de cunho popular.

Quisquis ama valia, peria que noscit amare. (Viva quem ama, morra quem não sabe amar) .

Admiror, paries, te non cecidisse ruinis

Qui tot scirptor taedia sustineas. (Admira-me, paredes, que não tenhas desabado, tu que agüentas os fastios de tantos escritores) .

As “Tabellae defixionum” ou Tabuinhas execratórias

Continham mensagens redigidas por anônimos, destinadas a evocar proteção de deuses ou a rogar imprecções. Eram, também,

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

textos de magia, encantamento, maldição. Todos de lavra tipicamente popular.

Te rogo que infernales partes tenes, commendo tibi Iulia Faustilia, Marii filia, ut eam celerius abducas et ibi in numerum tu abias.

(A ti, que dominas as regiões infernais, peço e encomendo Júlia Faustila, filha de Mário, para que a leves mais rapidamente e conserves aí no número dos mortos)

Os tratados de veterinária, como a “Mulomedicina Chironis”

A obra foi compilada por autor desconhecido e dedicada ao centauro Quirão. O documento foi traduzido do grego por pessoa de pouca instrução e daí o motivo de sua grande importância para o estudo do latim vulgar.

O “Appendix Probi”

Será estudado de forma especial.

A “Peregrinatio ad loca sancta”, de Etéria

Configura-se como registros de viagem da Península Ibérica à Terra Santa.. A autora era uma monja natural da Galiza.

As glosas de Cássel e Reichenau

Trata-se de listagem de palavras latinas da *Vulgata* e de outros escritores, cuja composição se deu no século VIII, tendo por objetivo a explicação da bíblia latina. As Glosas de Reichenau, originárias do noroeste da Gália, é formada de duas partes: a primeira é um glossário da bíblia latina; a segunda é também um glossário explicativo de termos latinos de difícil entendimento. As palavras se encontram em ordem alfabética. Sua denominação é devida à catedral de Reichenau. As Glosas de Cássel constituem-se de 265 registros romances e seguidos de registros correspondentes em alemão. Refe-

rem-se a partes do corpo humano, animais domésticos, utensílios e objetos pertencentes a casa, denominações de vestimentas, etc. Pertencem à biblioteca de Cássel.

As comédias de Plauto

Plauto era um escravo. Liberto, tornou-se respeitável comediógrafo latino. Deixou peças memoráveis, como *A Aulularia*.

Os autores

Vitruvio e os autores anônimos das obras *Bellum Hispanense* e *Bellum Africanum*, além de um trabalho sobre arquitetura.

Petrônio, cognominado *arbiter elegantiarum*, autor de *Satiricon*, de onde se põe em destaque *A Ceia de Trimalcião*.

Apicius, autor de obras destinadas às artes culinárias, dentre as quais *De re coquinaria*.

Os gramáticos, lexicógrafos e mestres da retórica,

destacando-se Consêncio, autor da *Ars Grammatica*, com destaque para *De barbarismus et metaplasms*; Varrão, com o seu tratado *De lingua latina*, além de muitos outros, entre os séculos I e V d.C.

Dessas fontes, alguns romanistas consideram a mais valiosa o “Appendix Probi”. Este documento contém 227 registros e data, provavelmente, do século III a.C., tendo sido escrito por um autor anônimo, de origem africana. O trabalho, reunindo formas incorretas e sua correção, sem a pretensão de funcionar com o rigorismo de uma gramática, buscou preservar a norma culta e correta da língua latina. Em contraposição, deu-nos uma visão significativa da língua falada pelo povo.

Recebeu o nome de *Probi* decorrente do fato de esta fonte ter sido encontrada anexada a um texto gramatical de Valério Probo, que viveu no século I d.C. e daí terem alguns preferido, inicialmente, a expressão *Appendix ad Probum*.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O manuscrito é originário da abadia de Bóbio, hoje conhecida como códice corenense número 17. Apesar da designação *Appendix Probi* se aplicar a diversos opúsculos anônimos, o uso restringiu-se à referida lista, fornecendo assim um material seguro e indiscutível.

O *Appendix Probi* suscita três importantes questões que são a de sua autoria, e o da época a qual pertence e da sua localização.

Supõe-se que seu escritor haveria de ser um professor, que organizou a lista para advertir seus alunos. Sua provável localização seria a África, na cidade de Cartago, por conter um *paedagogium* que se destinava à instrução de jovens escravos que deveriam servir no palácio imperial.

1. <i>porphireticum marmor non</i>	118. <i>tinea non [tinia] .</i>
2. <i>purpureticum marmor.</i>	119. <i>exter non extraneus.</i>
3. <i>tolonium non toloneum.</i>	120. <i>clamis non clamus.</i>
4. <i>speculum non speculm</i>	121. <i>vir non vyr.</i>
5. <i>masculus non masclus.</i>	122. <i>virgo non vyrgo.</i>
6. <i>vetulus non veclus.</i>	123. <i>virga non vyrga.</i>
7. <i>vitulus non viclus.</i>	124. <i>occasio non occansio.</i>
8. <i>vernaculus non vernaculus.</i>	125. <i>caligo non calligo.</i>
9. <i>articulus non artictus.</i>	126. <i>terebra non telebra.</i>
10. <i>baculus non vaclus.</i>	127. <i>effiminatus non imfimenatus.</i>
11. <i>angulus non anglus.</i>	128. <i>botruus non butro.</i>
12. <i>iugulus non iuglus.</i>	129. <i>grus non gruis.</i>
13. <i>calgostegis non calcosteis.</i>	130. <i>anser non ansar.</i>
14. <i>septizonium non septidonium.</i>	131. <i>tabula non tabla.</i>
15. <i>vacua non vaqua.</i>	132. <i>puella non poella.</i>
16. <i>vacui non vaqui.</i>	133. <i>balteus non baltius.</i>
17. <i>cultellum non cuntellum.</i>	134. <i>fax non facia.</i>
18. <i>marsias non marsuas.</i>	135. <i>vico capitis Africae non vico</i>
19. <i>cannelam non canianus.</i>	136. <i>caput Africae.</i>
20. <i>hercules non herculens.</i>	137. <i>vico tabuli proconsolis non</i>
21. <i>columna non colomna.</i>	138. <i>vico tabulu proconsulis.</i>
22. <i>pecten non pectinis.</i>	139. <i>vico castrorum non vico cas-</i>
23. <i>aquaeductus non aquiductus.</i>	140. <i>trae.</i>
24. <i>athara non atera.</i>	141. <i>vico strobili non vicostrobili.</i>
25. <i>crista non crysta.</i>	142. <i>teter non tetrus.</i>
26. <i>formica non furnica.</i>	143. <i>aper non aprus.</i>
27. <i>musium non museum.</i>	144. <i>amycdala non amiddula.</i>
28. <i>exequia non execiae.</i>	145. <i>faseolus non fasiolus.</i>
29. <i>gyrus non girus.</i>	146. <i>stabulum non stablum.</i>
30. <i>avus non aus.</i>	147. <i>triclinium non triclino.</i>
31. <i>miles non milex.</i>	148. <i>turma non torma.</i>
32. <i>sobrius non suber.</i>	149. <i>pusillus non pisinnus.</i>
33. <i>figulus non figl.</i>	150. <i>meretrix non menetrix.</i>

DEPARTAMENTO DE LETRAS

33.	<i>masclus non mascel.</i>	148.	<i>aries non ariex.</i>
34.	<i>lanius non laneo.</i>	149.	<i>persica non pessica.</i>
35.	<i>iuvencus non iuvenclus.</i>	150.	<i>dysentericus non dysinteri-</i>
36.	<i>barbarus non barbar.</i>		<i>cus.</i>
37.	<i>equus non ecus.</i>	151.	<i>opabalsamum non ababal-</i>
38.	<i>coquus non cocus.</i>		<i>samum.</i>
39.	<i>coquens non cocens.</i>	152.	<i>tensa non tesa.</i>
40.	<i>coqui non coci.</i>	153.	<i>raucus non [d] raucus.</i>
41.	<i>acre non acrum.</i>	154.	<i>auctor non autor.</i>
42.	<i>pauper mulier non paupera</i>	155.	<i>auctoritas non autoritas.</i>
	<i>mulier.</i>	156.	<i>(ipse non ipsus?)</i>
43.	<i>carcer non car.</i>	157.	<i>linteum non lintium.</i>
44.	<i>bravium non bra (beum) .</i>	158.	<i>a... petre non... tra.</i>
45.	<i>pancarpus non parcapus.</i>	159.	<i>terrae motus non terrimoti-</i>
46.	<i>theofilus non izofilus.</i>		<i>um.</i>
47.	<i>homfagium non monofagium.</i>	160.	<i>noxius non noxeus.</i>
48.	<i>byzacenus non byzacinus.</i>	161.	<i>coruscus non scoriscus.</i>
49.	<i>capsesis non capsessis.</i>	162.	<i>tonitru non tonotru.</i>
50.	<i>catulus (non cat) ellus.</i>	163.	<i>passer non passa.</i>
51.	<i>catulus non ca (te) llus.</i>	164.	<i>anser non ansar.</i>
52.	<i>doleus non dolium.</i>	165.	<i>hirundo non harundo.</i>
53.	<i>calida non calda.</i>	166.	<i>obstetrix non opsestris.</i>
54.	<i>frigida non fricda.</i>	167.	<i>capitulum non capiclum.</i>
55.	<i>vinea non vinia.</i>	168.	<i>noverca non novarca.</i>
56.	<i>tristis non tristus.</i>	169.	<i>nurus non nura.</i>
57.	<i>tersus non tertus.</i>	170.	<i>socrus non socra.</i>
58.	<i>umbilicus non imbilicus.</i>	171.	<i>neptis non nepticla.</i>
59.	<i>turma non torma.</i>	172.	<i>anus non anucla.</i>
60.	<i>celebs non celeps.</i>	173.	<i>tundeo non detundo.</i>
61.	<i>ostium non osteum.</i>	174.	<i>rivus non rius.</i>
62.	<i>flavus non flaus.</i>	175.	<i>imago non....</i>
63.	<i>cavea non cavia.</i>	176.	<i>pavor non paor.</i>
64.	<i>senatus non sinatus.</i>	177.	<i>coluber non colober.</i>
65.	<i>brattea non brattia.</i>	178.	<i>adipes non alipes.</i>
66.	<i>cochlea non coclia.</i>	179.	<i>sibilus non sifilus.</i>
67.	<i>cocleare non cocliarium.</i>	180.	<i>frustrum non frustum.</i>
68.	<i>paelearium non paliarium.</i>	181.	<i>plebs non pleps.</i>
69.	<i>primipilaris non primipilari-</i>	182.	<i>garrulus non garulus.</i>
	<i>us.</i>	183.	<i>parentalia non parantalia.</i>
70.	<i>alveus non albeus.</i>	184.	<i>celebs non celeps.</i>
71.	<i>globus non glomus.</i>	185.	<i>poples non poplex.</i>
72.	<i>lancea non lania.</i>	186.	<i>locuples non locuplex.</i>
73.	<i>favilla non failla.</i>	187.	<i>robigo non rubigo.</i>
74.	<i>orbis non orbs.</i>	188.	<i>plasta non blasta.</i>
75.	<i>formosus non formunsus.</i>	189.	<i>bipennis non bipinnis.</i>
76.	<i>ansa non asa.</i>	190.	<i>ermeneumata non erminoma-</i>
77.	<i>flagellum non fragellum.</i>		<i>ta.</i>
78.	<i>calatus non galatus.</i>	191.	<i>tymum non tumum.</i>
79.	<i>digitus non dicitus.</i>	192.	<i>strofa non stropa.</i>

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

80.	<i>solea non solia.</i>	193.	<i>bitumen non butumen.</i>
81.	<i>calceus non calcius.</i>	194.	<i>mergus non mergulus.</i>
82.	<i>iecur non iocur.</i>	195.	<i>myrta non murta.</i>
83.	<i>auris non oricla.</i>	196.	<i>zipus non zipus..</i>
84.	<i>camera non cammara.</i>	197.	<i>iunipirus non iuniperus.</i>
85.	<i>pegma non peuma.</i>	198.	<i>toleravillis non tolerabilis.</i>
86.	<i>cloaca non cluaca.</i>	199.	<i>basilica non bassilica.</i>
87.	<i>festuca non fistuca.</i>	200.	<i>tribula non tribla.</i>
88.	<i>ales non alis.</i>	201.	<i>viridis non virdis.</i>
89.	<i>facies non facis.</i>	202.	<i>constabilitus non constabili-</i>
90.	<i>cautes non cautis.</i>		<i>tus.</i>
91.	<i>pleues non plevis.</i>	203.	<i>sirena non serena.</i>
92.	<i>vates non vatis.</i>	204.	<i>musium vel musuvum non</i>
93.	<i>tabes non tavis.</i>		<i>museum.</i>
94.	<i>suppellex non superlex.</i>	205.	<i>labsus non lapsus.</i>
95.	<i>apes non apis.</i>	206.	<i>orilegium non orolegium.</i>
96.	<i>nubes non nubs.</i>	207.	<i>ostiae non hostiae.</i>
97.	<i>suboles non subolis.</i>	208.	<i>februarius non febrarius.</i>
98.	<i>vulpes non vulpis.</i>	209.	<i>glatri non cracli.</i>
99.	<i>palumbes non palumbus.</i>	210.	<i>alec non alex.</i>
100.	<i>lues non luis.</i>	211.	<i>rabidus non rabiosus.</i>
101.	<i>deses non desis.</i>	212.	<i>tintinaculum non tintinabu-</i>
102.	<i>reses non resis.</i>		<i>lum.</i>
103.	<i>vepres non vepris.</i>	213.	<i>adon non adonius.</i>
104.	<i>fames non famis.</i>	214.	<i>grundio non grunnio.</i>
105.	<i>clades non cladis.</i>	215.	<i>vapulo non baplo.</i>
106.	<i>syrtis non syrtis.</i>	216.	<i>necne non necnec.</i>
107.	<i>aedes non aedis.</i>	217.	<i>passim non passi.</i>
108.	<i>sedes non sedis.</i>	218.	<i>numquit non mimquit.</i>
109.	<i>proles non prolis.</i>	219.	<i>numquam non numqua.</i>
110.	<i>draco non dracco.</i>	220.	<i>noviscum non noscum.</i>
111.	<i>oculus non oclus.</i>	221.	<i>vobiscum non voscum.</i>
112.	<i>aqua non acqua.</i>	222.	<i>nescioubi non nesciocube.</i>
113.	<i>alium non aleum</i>	223.	<i>pridem non pride.</i>
114.	<i>dimidius non demidius.</i>	224.	<i>olim non oli.</i>
115.	<i>lilium non lileum.</i>	225.	<i>adhuc non aduc.</i>
116.	<i>glis non gliris.</i>	226.	<i>amfora non ampورا</i>
117.	<i>delirus non delerus.</i>	227.	<i>idem non ide</i>

Passaremos a transcrever alguns registros do *Appendix Probi*, comentados por Serafim da Silva Neto, laureado filólogo e grande mestre.

A obra intitula-se: Coleção TEXTOS ANTIGOS E MODERNOS. FONTES DO LATIM VULGAR (O *Appendix Probi*) . Edição comentada por SERAFIM DA SILVA NETO. Faculdade Nacional de Filosofia. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Sobre o seu trabalho, o autor insere a seguinte:

OBSERVAÇÃO – Escrita em 1935, editorada semanalmente em 1936 no jornal a ‘Voz de Portugal’, só agora sai em livro esta obra. Concorrente, no ano seguinte, ao prêmio FRANCISCO ALVES, distribuído pela Academia Brasileira de Letras, nele se classificou com o terceiro lugar. Mais de um ano decorrido, tinha eu reformado o primitivo original, aumentando-o consideravelmente.

Entretanto, por acatamento à Academia, sai hoje tal como foi apresentado a concurso.

Apenas incluí um capítulo que, por descuido, não fez parte do original enviado àquele cenáculo e anexei estudos complementares. Apesar de tudo, espero que este livro tenha aceitação dada a importância do APPENDIX PROBI.

À guisa de informação, também damos a conhecer alguns dados biográficos do autor, à época em plena atividade profissional, dados esses transcritos da última página do livro acima citado.

O professor Serafim Pereira da Silva Neto nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1917. Em 1934 terminou o curso secundário e em 1939 bacharelou-se em Direito. É atualmente catedrático de Filologia Românica, da Universidade Católica e membro da Academia Brasileira de Filologia. Suas predileções sempre foram pelo magistério, tendo exercido cargos de professor em escolas secundárias e superiores. Colabora, presentemente, no Dicionário que o Instituto Nacional do Livro está organizando. É autor de vários livros, dentre os quais cumpre salientar a edição crítica de A VIDA DE FREI PEDRO, de André de Resende, e a CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL.

O APPENDIX PROBI

Texto e Comentários

2) *Tolonium* nom *Toloneum*. Temos aqui dois fenômenos para considerar. A for a padrão era *tolonium*, tal como ainda aparece na baixa latínidade.

Heraeus cita essa forma na *Vulgata*, Marcos, V, 12, que eu conferi, em Lucas, II, V, o que não é bem exato, pois a palavra ocorre no breve sumário que precede o capítulo.

Temos, pois, que houve assimilação:

e — ó > o — ó. Desse fato citam-se, entre exemplos menos seguros, o arc. *Tostom* (< *teston*), de origem italiana (*testone*), e o arc. *Torrom* (< *terrom*), de *terra*. do caso inverso, ó — e > ó — o, citarei o arc. *Colora*, por *cólera*. Quanto ao penúltimo, cp. *Estorroar* em Herculano, *Monge de Cister*, I, 18, p. 153.

Entre os exemplos latinos anote-se *poposci* < **peposci*.

Desde cedo se manifestou, na linguagem corrente, tendência para o fechamento dos hiatos. Tão forte foi ela, que propiciou uma série de *ultracorreções*. Vêlio Longo doutrinava: ‘Férias quoque non fereas, quoniam *apud* antiquos fesiae non feseae dictae sunt’. Caper ensinava: ‘Sobrius per i non per e scribitur’. (*apud* Schuchardt, obr. cit. p. 39 e 42) .

Os exemplos são incontáveis. No C.I.L., I, 54, ocorre *fileam* (por *filiam*) . Na Mulomedicina encontramos alapar *cochliaria* e *cochlearia*. Em Petrônio, 51, ocorre *martiolium*.

Tão forte foi a tendência quer até se nos deparam exemplos como *eam* (por *ham*) e *eacit* por *jacit*) documentados por Schuchardt, obr. cit., p. 43.

No próprio Appendix muitíssimos outros exemplos se nos deparam: *vinia*, *osteum*, *cavia*, *brattia*, *cocliare*, *paliarium*, *kancia*, *solia*, *calcius*, *aleum*, *lileum*, *linia*, *baltius*, *fasiolus*, *lintium*, *laneo* e *dolium*.

Uma glosa testemunha: ‘Toloneum, tolonearius melius quam telonarius’ *apud* o autor cit., *idem*, p. 89

Exemplificação abundantíssima em Schuchardt, *Vokalismus*, II, p. 37 e ss. A explicação desse fato é a seguinte:

Quand deux voyelles sont en contact il y a deux phonèmes de grande aperture l’un à la suite de l’autre, et la norme syllabique en est troublée; aussi est-il rare que ces deux voyelles restent bien longtemps telles quelles sans évoluer.

Si les deux voyelles sont dans deux syllabes différentes, le trouble syllabique est beaucoup plus grave, parce qu’il manque entre les deux l’éléments habituel de faible aperture ou consonne (GRAMMONT, *Traité de phonétique*, p. 222-223)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Pode-se portanto, sem exagero, falar numa repulsa ao hiato, repulsa essa que tende a desfazê-lo.

O primeiro processo para consegui-lo é o fechamento de uma das vogais. Para que o leitor o compreenda, é preciso que saiba os diversos grãos de abertura:

a	a
é	ó
ê	ô
i	u
y (semivogal)	w (semivogal)

Desde o 1º séc. d. C. (114) houve *fechamento* nos hiatos: pronunciava-se *facyo*, *vinya*, *arya*, etc. Ora, com a semiconsonantização da primeira vogal, o hiato transformou-se em ditongo. Daí a criação de vários grupos formados de consoante e semi-consoante.

Neles, quando a consoante era palatizável houve o molhamento; em caso contrário o y ou desaparece ou é atraído para a sílaba anterior:

1- a) *arana* > *aranja* > *ara-nya* > *aranha*.

A palatização de ny operou-se aí pelo fim do Império, cerca do III.º séc. d. C.

b) *palea* > *palia* > *pa-ly* > *palha*.

O molhamento do grupo ly deu-se na mesma época em que o precedente. Mas, enquanto de ny não temos provas, da palatização de ly parecem testemunhos grafias como *Aurélia* (<*Aurelia*), *Corneius* (<*Cornelius*), *fiios* (<*filios*), etc.

(...)

c) *lancea* > *lancia* > *lan-cya* > *lança*

d) *.basseu* > *bassiu* > *ba-ssyu* > *baixo*.

e) *caesu* > *casiu* (C.I.L. IV, 5.380) > **ca-syu* > **caijo* > *queijo*.

f) *insidiu* > **ense-dyu* > **ensedjo* > *ensejo*.

A divergência no tratamento desse grupo talvez se explique, já por uma absorção antiga, anterior à palatização (*mediu* > *me-dyu* . *medu* > *meo* > *meio*; *perfidia* > *perfi-dya* > *perfida* > *porfia*; *fastidui* > *fasti-dyu* > *fastidu* > *fastio*) já por sibilização diferente (*pó-di-u* > *poio*; *ba-di-u* > *baio*; *mo-di-u* > *moio*; *ra-di-u* > *radio*, etc.) Cp. Em francês, *li-nya* > *ligne* e *lin-yu* > *linge*. (DAUZA, *Histoire de la langue française*, 1930, 65) . A esses fatos devem corresponder diferenças de época e território. Essa, pelo menos, uma tentativa de explicação.

Na *Vox Românica*, I, 1936, p. 31, Meyer-Lübke referiu-se a essa disparidade, sem, todavia, apresentar qualquer hipótese esclarecedora.

g) **mattiana* > *maçã*; **putteu* > *poço*; **cattiare* (<*captiare*) > *caçar*; *bracciu* > *braço*.

Notem-se as duas correspondências: *ty* > *z*/*tty* > *ç*; *cy* > *z*/*ccy* > *ç*.
(...)

2 a) *pariete* > *paryete* > *parete* > (, , ,) > *parede*; **liriu* (<*gr. Lirion*) > *lirio* (*Cant. De Sta. Maria*, ed. R.Lapa, p. 28)

b) *nerviu* > *nervuy* > *nervo*.

c) *mancipiu* > **mancepyu* > **mancepu* > *mancebo*.

d) *vindemia* > *vindimya* (forma metafônica (...)) > *vindima*.

e) *superbia* > *superbya* > **superba* > *soberba*

f) *aviola* > **avyóla* > **avola* > *avoa* > *avó*.

3 – a) *area* > *arya* (...) > **aira* > *eira*.

b) *clupea* > **clopya* > *choipa*;

cavea > *cavya* > *gaiva*.

Nos hiatos em que a vogal *u* figura, ela torna-se semivogal e depois desaparece:

a) *battualia* > *battwalia* > *battalia* (...) > *batalha*.

b) *februariu* > *febrwariu* > *febrariu* (...) > *fevereiro* > *fevereiro*.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

c) *coquina* > *coqwina* > *cocina* > *cozia* > *cozinha*.

d) *quattuor* > *quattwor* > *quattor* > *quatro*.

A exposição desses fatos torna compreensíveis certas evoluções:

a) *mea* > **mea* > *mia* > (...) > *mia* > *minha*.

b) *dia* > **dea* > *dia* (...) > *dia*.

c) *piu* > **peu* > *piu* (...) > *pio*.

d) *via* > *vea* . *via*.

e) *zelu* > *cio*; *zelumen* > *ceume* (D. João I, *Livro de Montaria*, p. 102) > *ciúme*.

f) *tua* > *tua*.

g) g) *sua* > *sua*.

h) *rugitu* > **rogido* > *roído* > *ruído*.

i) *peduculu* > *peolho* > *piolho*; *minutu* > *neudo* > *miúdo*.

j) **medullu* > *meolo* > *miolo*.

k) **ruine* > *roim* > *ruim*.

l) **boice* > *boiz* > *buiz* (116) (*a-buiz*) .

m) *ego* > *eo* at. do latim vulgar: vj. *Vok.*, I, 129) > eu.

n) *coaxare* > *quaxare* (*Vok.* II, 1420 > **qaxare* > *queixar*.

o) *bove* > *boe* (*Vok.*, II, 479) > boi.

p) *cadére* > *caer* (arc.) > *cair*. No Cancioneiro da Vaticana, 908, há *dequerer* < *decaer*, forma que

seguiu outra tendência.

q) *tundeo* > **tundio* > **tundyo* > *tundo* (App. Probi, 173) .

r) *duas* > *duas*; *grua* > *groa* > *grua*; *gruu* . *groo* > *grou*.

s) *meus* > *mius* (SEELMANN, 187) > **myus* > *mo*. (C.I.L. XI, 746) .

t) *cloaca* > *cluaca*.

u) **budinu* > *boinho* > *buinho*.

v) *viduua* > *veuva* (arc. *Inf. Santo*, 5) > *viuva*.

Na linguagem falada de nossos dias manifesta-se o mesmo fenômeno: *apear*, *cear*, *deante*, *leal*, *conteudo*, *reunir*, soam *apiar*, *ciar*, *diante*, *lial*, *contiudo*, *riunir*; *coalhar*, *coar*, *toalha*, *doer*, *moe-da*, *coelho*, *voar*, *poeira* pronunciavam-se *cualhar*, *cuar*, *tualha*, *duer*, *mueda*, *cuelho*, *vuar* e *pueira*.

Caso curioso é o de *minguar* (cast. *Menguar*), *mangual* e *Mangualde* (nome de lugar), respectivamente de *minuare*, *manuale*, e *Manualdi* (germ.).

Tais exemplos (como brilhantemente expôs Amado Alonso, *Problemas de Dialectologia Hispano-Americana*, p. 405 e ss) devem-se a uma silabação *min-wuare*, *man-wale*, *Man-waldi*, pois, se assim não fora, a tais étimos corresponderiam **minar*, **manal* e **Manalde*.

3) *Speculum* non *Speculum*. Notamos, nesse exemplo, a queda da vogal postônica. É esse um dos caracteres mais sugestivos do latim vulgar, pelo menos de certas regiões. A causa desse fato deve encontrar-se na preponderância, cada vez maior, do elemento intensivo do acento latino. As línguas românicas se dividem em dois grupos: o tipo *proparoxítono*, que mantém as vogais átonas (romeno, reto-romeno oriental e italiano) e o tipo *paroxítono*, onde a síncope é a norma (emiliano, reto-romeno ocidental, línguas da Gália e da Península Ibérica). Cf. Meyer-Lübke, *Gramm.*, I, § 325; Bourciez, *Él.*, §§ 45 e 152; Väänänen, obr. Cit., p. 6-72.

Em inscrições arcaicas deparam-se-nos: *detrot* (por *dederunt*) no C.I.L., I, 173, *idem*, 177).

Estão ainda documentados no Appendix: *masclus*, *veclus*, *tabla*, *facla*, *capiclum*, *stablum*, *nepticla*, *anucla*, *tribla*, *viridis* e *baplo*.

Em Petronio ocorrem: *bublum*, 44; *offla*, 56; *lamna*, 57 étimo do esp. *lana*; *peduclum* 57, que explica o ptg. *piolho*, o it. *pidocchio*, o esp. *piojo*.

Masclus aparece no C.I.L., XII, 4493; XII, 4493; *oricla*, *idem*, XII, 5586; *domno*, *idem*, II, 4442, *oclu*, *idem*, VI, 34635; *spirtus*, *idem*, XIII, 9061; *apricla*, *idem*, 4348, em AIGRAIN, *Épigraphie Chrétienne*, 54 e 104 estão atestados *domna* e *caldu*. Na Mulomedicina há *feclam*, I, 43. Aí mesmo ocorrem *aspras* (cf. p. Da ed. De Nierdermann) e *caldo* várias vezes. *Domno* aparece num documento citado por Pirson em *Merowingische und Karolingische Formulare*, p. 9.

Domne e *vicla* deparam-se-nos em Gregório Turonense. (vj. Morf., p. 23 e 54) .

E vejam-se mais:

comite > **comede* > *conde*.
semita > **semeda* > *senda*.
lepore > **lepre* > *lebre*.
limite > **limede* > *linde*.
manica > **manega* > *manga*.
figicare > **fig'care* > **ficare* > *ficar*.
amites > *amedes* > *andes* (arc.)
veritate > **veredade* > *verdade*.
Delicatu > **delegado* > *delgado*.
senicu > **senego* > *sengo*.
pulica > **pulega* > *pulga*.
gallicu > **gallego* > *galgo*.
dominicu > **dominego* > *domingo*.
solitariu > **soltariu* > *solteiro*.
solidatu > **soldatu* > *soldado*.
impollicare > *empolegar* > *empolgar*.
caballicare > **cavalegar* > *cavalgar*.
cubitu > **cobto* > **cotto* > *coto*.
culice > **colce* . *coice*, *couce* (traça: MORAIS, s.v.) .
domitu > **domedo* > *dondo* (arc.) .

Note-se que esses vocábulos pertencem a épocas diversas.

Os exemplos são inúmeros. A tendência é geral – repete-se hoje nos dialetos.

9) *Baculus* non *Vaclus*. Vj. O n. 3. Ei-nos deante de um caso interessante.

É a confusão entre o b e o v, a qual se manifestou desde o séc. I de nossa era. Outras abonações do Appendix: *baplo* (vapulo) e *alveus* (por albeus) . É fenômeno corriqueiro no latim vulgar. Em Pe-

trônio, 57, ocorre *berbex* em vez de *vervex*, (cf. NÔNIO, p. 202) donde o fr. *Brébis*. Na Mulomedicina aparecem: *labacione* (p. 1), *ferburam* (p. 13), *gingibas* (p. 30), *bibunt* (p. 31) e *badum* (p. 40).

Nas inscrições os exemplos abundam: no C.I.L., XIV, 4.999; *lebis*, *ibidem*; 17.508; *bixit*, 7.470; *nobercam*. No XIIº, vol. 936, ocorre *fondabet*, 971, *bisit*, 2. 115; *Gervasium*. No VIIº vol. 7.924, aparece *Silbani*.

Em AIGRAIN estão documentados: *bibas*, *Bictoria* (p. 27), *levertio* (p. 42), *donabit* e *bale* (p. 45), *staviles* (p.48), *venemerenti* (p. 96), etc.

Dessa confusão entre o *v* e *b* ocupou-se o romanista italiano Parodi, em artigo rico de material e interpretação. Cf. *Del passaggio di v in b e di certe perturbazione fonetiche nel latino volgare* (in *România*, XXVII, 1898, p. 177-245).

Cf. ainda: *barba* > *barva* (abt.: Gaspar da Cruz, *Tratado*, p. 12), *bibere* > *bever* (ant., *idem*, *ibidem*, p. 47), *véspera* > *bespora* (ant.: Brás de Alb., p. 47), *vipera* > *bivora* (ant.: *Lusíadas*, V, 11 e Barreira, *Érida*, fl. 34 v.) e *bibora* (ant.: Godinho, p. 17 e *Insulana*, p. 55, 57, 470), fr. *billet* > *vilhete* (ant.: Gouveia, *Jornada*, fl. 122 r.).

22) *Aquaeductus* non *Aquiductus*. Apesar de Schuchardt apresentar (*Vok.*, I, p. 473 e ss.), numerosos exemplos de *i* em vez do ditongo *ae* (como, verbigratia *cimentus*, *Hymenius*, etc) pensam Jordan e Ullmann que o *i* do nosso vocábulo não apresenta *ae*, mas que o povo, perdendo a noção de que o genitivo entrava nesse composto, intercalou a vogal de ligação *i*, comum nos compostos latinos. (...) .

O mesmo aconteceu como *teerimotium* (doc. no App.)

37) *Equus* non *Ecus*; 38) *Coquus* no *Cocus*. O *u* precedido de consonância e seguida *u* átono perdia-se desde o séc. I (cf. Grandgent, p. 151)

43) *Carcer* non *Car.* (*Car.*) Assim dão Heraeus e Baehrens, ao contrário de Keil, que lê *carcer*. Föster prefere *carcar*. Grande era a tendência para a queda e final, mormente se precedido por *l* ou *r*, *Biber*, está atestado em Carioso; *haber* no C.I.L., VII, 8369; *facer*, *idem*, VI, 18285 (vj. ERNOUT, obr. cit., 271-2) . A respeito dessa tendência escreve o dr. Leite de Vasconcelos: 'Assim o *e* caiu depois de consoante suscetível de formar sílaba com a vogal antecedente: *sol* de *sole*, *cantar* de *cantare*. (Lições, 1926, p. 31)

46) *Theophilus* non *Izofilus*. *Theophilus* é de origem grega; significa amigo de Deus. A forma emendada no App. Representa uma evolução tardia do teta. (Cf. *thius* > *it. zio*).

79) *Digitus* non *Dicitus*. A princípio só existia o *c*. Depois é que se criou o *g*. Daí ser o primeiro usado, às vezes, ao invés do segundo. FESTO, *De uerborum significatione*, atestava o fato: '*c* enim pro *g* frequenter ponebant antiqui'. (...)

Para Ronjat, porém, *dicitus* não é simples falta ortográfica, mas explica-se por um esforço de articulação, tendente a evitar o pronúncia do *ghê* como *jê* ou *y* (130)

Josef Gerhards vai muito além, pois supõe que a forma *dicitus* é regressiva. Isto é: *digitus* > *digitus* > **dic*-gerit gruges, Ceres, antiqui enim *c* quod nunc *g*. (*De l. tus*) . (ensurdecimento) > *dicitus*.

Essa última forma lê-se também no C.I.L., X, 8249) .

82) *Iecur* non *Iocur*. Provavelmente se trata, aqui, de variantes dialetais. Cf. R. G. Kent, *The sounds of Latin*, 1932, p. 82 e 161.

Entretanto essa palavra cedo saiu da linguagem corrente. De fato, já em Apício (p. 50 da ed. Cit.) ocorre *ficatum* com sentido de *figado de ave engordada a figos*, em Plínio Valeriano (séc. IVº) ocorre a expressão *ficatum perdicis*, em Marcelo Empírico (cerca de 408) trata-se de um *ficatum lupi*, e finalmente em Célio Aureliano (séc.Vº) fala-se de *ficatum* com o sentido de víscera humana.

No C.G.L. II, 441 lê-se: *sukoton* – *ficatum*, enquanto o GLOSSARIUM ANSILEUBI, editado por Lindsay, em Paris, 1926, é mais exolítico: '*ficatum* quod Graeci *ficoton* (syco-) vocant'. (p. 243) .

Salta à vista, portanto, que o termo latino é adaptação ou latinização da palavra grega.

Logo, *sukotón* > *ficotum*, *ficatum*, *fecatum*, formas latinas que, sem dúvida, passaram pela influência de *hépâte*. Todavia deve sinalar-se que a palavra grega apresentava duas formas: *sykótum* e *sykotum* e que; 'Le mot latin a été, pour ainsi dire, affolé d'une manière continue par la voisinage du mot grec, comme l'aiguille d'une boussole est affolé par le voisinage d'un aimant.' (GASTON PARIS, *Mélanges Linguistiques*, p. 552) .

É preciso convir – como já notou Meillet – que *ficatum* é termo de cozinha, certamente divulgado pelas cozinheiras gregas, tal como *cerebellum*, a princípio aquele cérebro que se comia. (*Linguistique historique et linguistique générale*, 1926, p. 296) .

Argutamente reconheceu Goidanich que a causa de tão diversas acentuações deve prender-se ao fato de tal vocábulo ler-se em livros de cozinha, os quais não tinham assinalada a quantidade. (Vj. *Dittongazione romanza*, 1907, p. 171) .

Vejamos agora os numerosos correspondentes românicos:

I – *Ficatum* > rom. *ficát*, friulano *fijád*, ladino *figa*, veneziano *figáo*, sic. *ficátu*, garulês *figgátu*, campidanês *figáu*, transmontano *figado*. (C. de Fig. s.v.), serbocroático *pitak* (SKOK, *Zum Balkanlatein*, Halle, 1934, p. 89) .

II – *Ficatum* > esp. *hígado*, port. *figato*, calabrês, *ficatu*, *hícatu*, logudorês *figadu* (vj. *Dizionario dialettale delle tre Calabrie*, s.v.) .

III – *Ficatum* reduziu-se a *ficitum* pela tendência do a átono a enfraquecer-se e por uma assimilação natural aos participios em – *itum*, freqüentes em latim vulgar. Daí *ficidum* por assimilação aos adjetivos em – *idum*. Depois, por metátese [cp. *sucidu* > *sudicu*] *fidicum*. *Ficitum* e *Ficidum* não proliferaram, mas a *fidicu* ligam-se o lombardo *fidegh*, *fidich*, piemontês *fidich*, logudorês *fidigu*, bearnês

fidge, *hídge*, fr. a. *fírie*. Relaciona-se com a fase *ficidum* o figido das Glosas de Cásael e Reichenau.

IV – *Fecātum* > velhoto *fecuat*, e talvez um it. *fegáto*, usado no séc. XVII.

V – *Fecātum* > napol. *fécato*, toscano *fégato*, romahol *fégat*, bolonhês *fégghet*, asturiano *fégado*, galego *fégado*. Mas, tal como *ficātum* > *ficitum* > *fecātum* > *fecitum*. Essa forma, metatetizada em *feticum*, evoluiu em *féteche* no abruzês. E, tal como *ficitum* > *ficidum* > *fecidum*. Finalmente esse último tornou-se *fedicum*.

Daí o ant. prov. *fetge*, mod. *fège*, at. 83) *Auris non Oricla*. Ao latim de Roma *aris* correspondia a divergente dialetal *oris*, donde o diminutivo *oricūla*. *fetge*, gascão *hetge*, fr. *foie*. (Cf. R.E.W., 8494)

83) *Auris non Oricla*. Ao latim de Roma *auris* correspondia a divergente dialetal *oris*, donde o diminutivo *oricula*.

FESTO documenta-a: ‘*Orata genus piscis a colore auri dicta, quod rustici orum dicebant ut auriculas, oricūlas*’. (ed. LINDSDAY, p. 197 e 196).

Cícero empregava, nas cartas, a forma *oricūla*, também documentada em PLÍNIO, *N.H.*, 11, 276, no *C.Gl.L.* II, 523, 43 e na *Mulomedicina Chironis* (ed. de ODER, p. 328).

Alguns autores, entre os quais Heraeus (131), pretendem que PETRÔNIO *Sta.*, 43) tivesse usada a palavra *oricularius* no sentido de escravo confidente. Todavia outros autores lêem *oracularius*, achando inútil aquela forma (132).

221) *Vobiscum non Voscum*. No tempo em que predominavam as concepções dos neogramáticos – que davam à analogia um valor excepcional – escrevia o Dr. Leite de Vasconcelos: ‘..., *nosso e vosco* vêm de *nóbiscum*, *vósbicum*, com o acento na primeira, por influência do de *nobis* e *vobis*’. (lição de 1904, reproduzida nas *Lições de Filologia*, p. 51 da 2ª ed., e cf. *Rev. Lus.*, 38, 1943, p. 116).

Mas já em 1906 Suchier atinava com a verdade, escrevendo: ‘O dativo latino (ablativo) *nobis*, *vobis*, saiu muito cedo do latim vulgar, pois já no App. Probi *noscum* substituiu *nobiscum*’. (in *Grunriss der romanische Philologie*, 2ª ed., p. 807) .

De fato, o que realmente aconteceu foi a predominância do acusativo, cujas funções se dilataram imensamente.

Diga-se, a bem da justiça, que já um filólogo nosso, o Prof. Sousa da Silveira, independentemente de Suchier, vira a verdade ; ‘Igualmente não houve deslocação do acento de *nobiscum* e *vobiscum* para darem as nossas formas antigas *nosso* e *vosco*, pois que estas não provieram daquelas, e, sim de *noscum* e *voscum*, cuja existência o simples raciocínio nos faria admitir, uma vez que vimos a tendência a regerem todas as preposições o acusativo;mas a emenda proposta pelos gramáticos *nobiscum non noscum* documenta dabalmente aquelas formas’. (*Trechos Seletos*, 1919, p. 9; 5ª ed., 1942, p. 24) . Cf., também, Clóvis Monteiro, *Português da Europa e Português da América*, [1931], p. 72; Stolz-Leumann, obr. cit., p. 283.

É expressivo este exemplo: *sine nos* (C.I.L. VIII, 27279) . O antigo logudorês tinha *noscu*<*noscum* (Wagner, *Flessione*, p. 115-116) .

227) *Amphora non Ampora*. Note-se que *ampora* é a forma regular, proveniente do grego.

Amphora é forma reconstituída pela influência helenística.”

Pela série de comentários que acabamos de ver, comprova-se, sobejamente, a vastidão de conhecimentos filológicos desse ilustre brasileiro, conhecimentos da história interna do latim, através das características fonéticas, como a queda da penúltima vogal postônica, da troca do /b/ pelo /v/ e vice-versa, além de facetas morfológicas, lexicais, semânticas e sintáticas agregadas ao Appendix Probi.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

BIBLIOGRAFIA

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*. Lisboa: *Revista de Portugal*, 1946.

BOURCIEZ, E. *Éléments de Linguistique Romane*. Paris: Klincksieck, 1956.

COSERIU, Eugênio. *Estúdios de Lingüística Românica*. Madrid: Gredos, 1977.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ELIA, Sílvio Edmundo. *Preparação à Lingüística Românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

LEITE DE VASCONCELOS, J. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: 1926.

MAURER JR. Th. Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MEIER, Harri. *Ensaio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

MEILLET, A. & ERNOUT, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. 3ème. éd. 2 v. Paris: 1951.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. *Lições de Filologia Portuguesa*. *Revista de Portugal*. Lisboa: 1946.

RIBEIRO, João. *Estudos Filológicos*. Rio de Janeiro: 1902.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: 1949.

SILVA NETO, Serafim. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1952.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

———. *Fontes do Latim Vulgar. O Appendix Probi*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

———. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de Lingüística Românica*. Trad. do Prof. Dr. José Pereira da Silva. Revisão técnica do Prof. Dr. Evânildo Bechara. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português*. Trad. de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961.